



ALTA

POLÍTICA

Publicação do Instituto Alta Política - Revista Semestral - 2ª Edição - 2019/01 - R\$ 15,00

ENTREVISTA

Governador Eduardo Leite

O FUTURO DO RIO GRANDE





1ª edição - 2018/1

A 2ª EDIÇÃO DE ALTA POLÍTICA

Iniciar um projeto sempre é um desafio.

Abrir caminhos, desbravar fronteiras, criar o que ainda não existe, mas que se vê e se sabe, não é tarefa fácil.

Dar continuidade a esse projeto parece um desafio ainda maior. Mas a vida impõe. Não há como não seguir em frente.

Essa é, de certa forma, toda a história da Revista Alta Política que chega agora a sua segunda edição. E chega com a mesma qualidade da primeira. Aperfeiçoando, pois tivemos muitas sugestões e críticas amigáveis. Tivemos também a admiração e o reconhecimento pelo trabalho.

Alta Política prima por ser uma revista de conteúdo, de reflexão qualificada no campo

da política. Uma revista que procura entregar algo que realmente signifique novidade; que se possa ler e ao final se sentir mais rico, mais fortalecido para a atividade política, que exige tanto de nós.

Nesta edição contamos com a contribuição de grandes políticos e grandes profissionais como José Fogaça, Vicente Bogo, Celso Bernardi, Karim Miskulin, entre outros, além de uma entrevista exclusiva com o governador Eduardo Leite, que nos desvendam um pouco do passado, muito do presente, e nos remetem ao futuro.

Boníssima Leitura!

Julio Pujol
Diretor Executivo

» EXPEDIENTE

DIRETOR EXECUTIVO

Julio Pujol

CONSELHO EDITORIAL

Vicente Bogo, Letícia Marquetti, Xaene Pereira, Zelia dos Santos, Julio Pujol

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Letícia Marchetti

PROJETO GRÁFICO

Xaene Pereira

DIAGRAMAÇÃO

Cielito Rebelatto Junior

COMERCIAL

Lauro Leopoldo e Luciana Peters

FOTO DA CAPA

Diego Borges

DISTRIBUIÇÃO

Dirigida

TIRAGEM

1000 exemplares

IMPRESSÃO

Gráfica Comunicação Impressa


PUBLICAÇÃO

Instituto Alta Política

Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

As obras que ilustram essa Edição são da artista plástica Zélia dos Santos (Krapok Escola de Arte) e estão à venda pelo email ailez.ms@gmail.com

ANUNCIE NA TERCEIRA EDIÇÃO DE ALTA POLÍTICA:
(contato@altapolitica.com.br)

- 
- 5** MATÉRIA
Orla Moacyr Scliar
- 8** ARTIGO
A eleição de 2018, os protestos de 2013
e novos rumos da política - Jefferson Jaques
- 10** ARTIGO
Quem muda o Brasil somos nós - Karim Miskulin
- 12** ARTIGO
Reflexões acerca da vitória - Ana Dixon
- 14** MATÉRIA
Café com Alta Política
- 16** ENTREVISTA
O Futuro do Rio Grande - Governador Eduardo Leite
- 20** MATÉRIA
CESMA: Uma história de união e cultura
- 22** ARTIGO
Premissas humanísticas na política - Vicente Bogo
- 26** ARTIGO
O político é um pedagogo - Estela Giordani
- 28** ARTIGO
Somos todos responsáveis - Celso Bernardi
- 30** ARTIGO
Constituição de 88 - José Fogaça
- 32** ARTIGO
O Brasil dará certo - Silomar Garcia Silveira

UM NOVO TEMPO EM PORTO ALEGRE

Por Letícia Marchetti / Julio Pujol

Orla Moacyr Scliar embeleza a cidade e estimula o convívio dos cidadãos

A nova Orla Moacyr Scliar, inaugurada há oito meses na Capital Gaúcha, é um exemplo claro do quanto uma intervenção urbanística de revitalização de um espaço público pode contribuir com a autoestima de uma cidade. Quem caminha pelo local que tem 1,3 quilômetros e fica entre a Usina do Gasômetro e a Rótula das Cuias, no centro da Capital gaúcha, percebe que a população cuida do espaço.

A percepção que se tem é de que o porto-alegrense adotou e abraçou o local, tomando para si a responsabilidade deste cuidado. A Orla, que foi projetada pelo arquiteto Jaime Lerner, autor de inúmeras obras com reconhecimento internacional e um dos cinco urbanistas mais influentes do século 20, é palco de uma imensa diversidade. Reúne jovens, idosos, famílias, skatistas, dançarinos, músicos, caminhantes, esportistas, gente do centro e da periferia, os que gostam de pedalar, de passear e aqueles que vão apenas contemplar o Guaíba e o pôr do sol de nossa Capital.

Os frequentadores da nova Orla percebem que este é um espaço de convivência, um espaço comum e público, o que também confere ao local um caráter pedagógico e de civilidade, no qual é necessário cultivar a tolerância com a diferença, o respeito ao espaço do outro e o cuidado com a coisa pública. “É um espaço que o porto-alegrense tem orgulho de mostrar para um visitante de fora. E são muitos. De

todos os sotaques e línguas. E como nos faz bem sentirmos orgulho de alguma coisa”, avalia o diretor executivo da revista Alta Política, Júlio Pujol. Ainda segundo ele, nossa Orla é uma pequena mostra do que somos capazes enquanto sociedade e indivíduos; enquanto gênio brasileiro. “E mostra também que quando a política toma uma decisão acertada toda a sociedade ganha”, finaliza.

O novo espaço custou R\$ 71 milhões e será pago pela prefeitura de Porto Alegre através de um longo financiamento com o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF). “É difícil traduzir uma Obra de Arte em palavras porque uma obra de arte e é para ser contemplada. A Orla é um bellissimo projeto, um merecido presente da cidade para as pessoas e também uma forma original de integrar a cidade com a natureza, que nos traz profundas lições de civilidade”, avalia a artista plástica Zélia dos Santos.

Já para o advogado Caio Riela que costuma pedalar na nova orla, o espaço veio para agregar em todos os aspectos na nossa Porto Alegre; não



Foto: Julio Pujol



apenas no turístico, embelezando a cidade, mas também, proporcionando ao público uma qualidade melhor de vida. “Acredito que o espaço faz com que as pessoas tenham melhores atividades de lazer, esporte e entretenimento. Uma nova forma de compartilhar momentos com a família e os amigos. Exatamente assim que eu o utilizo, compartilhando e vivenciando momentos especiais com pessoas especiais”, explica.

Para a representante comercial Graciela Schramm, a nova Orla representa a civilidade. “Porque atinge a todos, mesmos aquelas pessoas que vão lá e usufruem e não têm uma consciência plena do bem, da beleza, desta funcionalidade, da alegria. Mesmo estas pessoas são beneficiadas. Psicologicamente quem passeia na Orla, quem usufrui, quem vê aquela beleza toda, o pôr do sol sai diferente, sai pleno, sai alegre, mesmo que não consciente, porque o belo faz isto com as pessoas”, explica.

A cidade e suas águas

O projeto de paisagismo, do arquiteto Jaime Lerner, busca incentivar a coexistência entre a cidade e as suas águas. Para isso, quatro decks, uma longa arquibancada e mais duas passarelas aproximam o público do Guaíba.

Iluminação

Quem passeia pelo local também se encanta com a nova iluminação da orla. Isto porque os postes são inclinados para aumentar o alcance da luz, que é toda de led, e fazem referência à dupla Gre-Nal. De um lado, para quem segue em direção à Zona Sul, a iluminação fica vermelha. Para quem anda no sentido contrário, ela é azul.

Orla Moacyr Scliar

Batizada de Orla Moacyr Scliar, em homenagem ao escritor e médico gaúcho que morreu em fevereiro



OS FREQUENTADORES DA NOVA ORLA PERCEBEM QUE ESTE É UM ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA, UM ESPAÇO COMUM E PÚBLICO, O QUE TAMBÉM CONFERE AO LOCAL UM CARÁTER PEDAGÓGICO E DE CIVILIDADE, NO QUAL É NECESSÁRIO CULTIVAR A TOLERÂNCIA COM A DIFERENÇA, O RESPEITO AO ESPAÇO DO OUTRO E O CUIDADO COM A COISA PÚBLICA.

de 2011, o espaço conta com ciclovia e passeio público, mirantes, quadras esportivas, ancoradouro para barcos de passeios turísticos, três bares e um restaurante panorâmico. O espaço tem ainda um posto permanente da Guarda Municipal e cobertura de 39 câmeras de videomonitoramento. Uma das atrações é a iluminação especial e o piso iluminado em fibra ótica que permitem e estimulam a visita noturna.

E tem mais

O Parque Urbano da Orla do Lago Guaíba totaliza 56.700 metros quadrados. O segundo trecho planejado, entre a chamada Rótula das Cuias

e o Anfiteatro Pôr do Sol, deverá contar com espaços de lazer. O terceiro compreende o trecho entre o Anfiteatro Pôr do Sol e o Parque Gigante do Sport Club Internacional. Está previsto ainda um quarto trecho até o Arroio Cavalhada.

Para os antigos gregos o fim último da política é o bem e o belo. O bem é a expressão máxima da convivialidade, da harmonia social, que permite a cada ser humano poder desenvolver ao máximo o seu potencial existencial. E o belo é a expressão de tudo isso. Nossa Orla é uma pequena mostra do que somos capazes enquanto sociedade e indivíduos; enquanto gênio brasileiro.



JEFFERSON JAQUES

Sócio-Diretor do Instituto Mhetodus de Pesquisa de Mercado. Administrador de Empresas com Ênfase em Administração Pública pela Universidade Federal do RS; Pós-Graduado em Marketing pela ESPM-RS.

Dezesseis anos de trabalho em pesquisas de opinião eleitorais e Consultoria em Campanhas eleitorais.

► ARTIGO

A ELEIÇÃO DE 2018, OS PROTESTOS DE 2013 E NOVOS RUMOS DA POLÍTICA

O ano de 2013 parece tão distante. Tanta coisa já aconteceu desde então... Mas é importante lembrarmos que 2013 foi um ano de marcantes protestos. Protestos que foram um embrião de novos movimentos, ideias e paradigmas para as eleições que aconteceram desde então. Naquele ano, milhões de brasileiros foram às ruas pedir padrão FIFA nos serviços públicos e na política brasileira. A efervescência das ruas, porém, não foi sentida de forma tão impactante nas urnas na eleição de 2014. Um forte sinal, porém, foi dado: 28,6% dos brasileiros (aproximadamente 40 milhões de eleitores) votaram branco, nulo ou não votaram no segundo turno da campanha presidencial. Resultado: o Brasil dividiu-se em três: quem votou em Dilma, quem votou em Aécio, e quem não votou ou anulou o voto. Abriu-se uma porta para um terceiro caminho que o PT e o PSDB não mais representavam.

O clima de acirramento político somado aos escândalos de corrupção e ao processo de impeachment de Dilma Rousseff deixou a política ainda mais distante da população. Ainda assim, os mesmos políticos que ignoraram a voz das ruas e os pedidos de 2013, mantiveram-se tradicionais. Veio, então, mais um sinal, desta vez na eleição de 2016: novatos eleitos e abstenção recorde. Em Porto Alegre, 44,3% se absteve ou votou branco/nulo. Em Caxias, o índice chegou a 20%. Em Canoas, 36,9%. Em Pelotas, 18,8%. Em Rio Grande, 30%. Em Santa Maria o prefeito eleito teve apenas 226 votos a mais que o segundo colocado. Em Erechim, a diferença foi de apenas 12 votos.

Mais sinais de mudança foram dados em 2016. E a velha política teimou em não vê-los. Veio 2018. Campanhas tradicionais. Manobras tradicionais. E o

apelo ao novo, ao diferente e à mudança falou alto. Nesta eleição o presidente eleito, Jair Bolsonaro, filiou-se ao PSL em março de 2018. Não teve coligação. Não teve tempo de televisão e rádio. Seu partido tinha apenas um deputado federal eleito. Geraldo Alckmin, ao contrário, teve quase 50% do tempo de rádio e televisão, a maior coligação e o apoio do Centrão. Bolsonaro venceu a política tradicional.

O que fez Bolsonaro para conseguir esse resultado?

Desde o final de 2014 o então deputado decidiu que seria candidato à Presidência da República. Não importava o partido, a meta estava traçada. Ele partiu para roteiros e visitas em todo o Brasil. Ouviu as demandas da população. Fez muita pesquisa de opinião. E ocupou o espaço que vinha crescendo há anos e o que o PSDB não soube ocupar: o antipetismo e o antissistema. Se o principal problema do Brasil é a corrupção, o presidente ideal é o honesto. E com essa narrativa, antagonizando com o PT e Lula, Bolsonaro criou seu personagem. Sua mensagem foi repetida à exaustão. E grande parte da população finalmente encontrou alguém que se encaixava no que ela buscava. É óbvio que os movimentos do Presidente eleito não foram aleatórios e, sim, fruto de um planejamento seguido à risca.

As ferramentas de comunicação utilizadas foram, basicamente, as redes sociais e os canais digitais. Hoje a população está o dia todo com seu celular na mão. Mesmo que para reclamar das redes sociais! O número de smartphones ultrapassou o número de habitantes no Brasil em 2018.



VEIO 2018. CAMPANHAS TRADICIONAIS. MANOBRAS TRADICIONAIS. E O APELO AO NOVO, AO DIFERENTE E À MUDANÇA FALOU MAIS ALTO.



Além disso, a indicação familiar do voto pesou ainda mais. Assim, quem foi impactado pela mensagem de Bolsonaro ainda em 2014 virou seguidor de verdade e propagador. Como a mensagem era exatamente a que o eleitor esperava, ele fidelizou seu apoio e confiança. Consequência: voto consolidado. Não adiantou a velha técnica de destruição de reputação. Não havia tempo para as campanhas tradicionais agirem. Bolsonaro trabalhou 4 anos sob nova perspectiva de atuação. Seus adversários trabalharam 3 meses no módulo tradicional.

Tudo isso terá impacto nas eleições de 2020.

As campanhas municipais serão muito impactadas por esta nova forma de buscar os votos. O eleitor quer um candidato que o represente de verdade e precisa acontecer uma ligação entre o que o candidato propõe e o que o eleitor deseja. Esta comunicação direta entre o eleitor e seu representante será cada vez mais intensa e franca. E esse não é mais um trabalho a ser feito durante o período eleitoral de 45 dias. Naquele momento de campanha existe uma super contaminação de ideias, propostas e posições. Isto desestimula o interesse do eleitor, pois todos querem parecer mais interessantes. A identificação entre ambos deve ser construída ao longo do tempo, com troca de conteúdo e diálogo permanente. Isto leva tempo, mas tende a ter um custo mais baixo e a selar parcerias mais sólidas. Mais uma vez o antigo jeito de fazer campanha será posto à prova. Resta saber quem apostará na velha fórmula e quem apostará no novo caminho que vem sendo desenhado desde 2013



KARIM MISKULIN

Diretora Executiva da Revista Voto. Idealizadora do "Brasil de Ideias" – série de eventos de debate sobre política e sociedade.

Formada em Ciência Política pela ULBRA e em Hotelaria na Castelli - Escola Superior de Hotelaria.

► ARTIGO

QUEM MUDA O BRASIL SOMOS NÓS.

Somos testemunhas da transformação do país. A travessia acontece neste exato momento fazendo renascer um novo Brasil. A população é protagonista desse processo, demonstrando civismo consciente e maturidade. O que antes era debatido apenas em meios intelectuais ultrapassou barreiras e chegou a diversos extratos sociais. Pautas como privatização, reformas estruturantes e combate à violência estão na boca – e na cabeça – do povo. Tudo isso demonstra que, nos últimos anos, não fomos às ruas em vão.

Eis a oportunidade de construir uma nova cultura política e empresarial. Precisamos viver com otimismo essa fase nova – virando a página da desesperança, do desemprego, da banalização da corrupção e da crise de legitimidade do poder. Avançar é necessário.

O desafio é grande. E não será entregue da noite para o dia. Reformar o país não é tarefa de um homem só, ou de um partido apenas. Não se melhora a vida coletiva com ações isoladas. A vitória do Brasil passa pelo debate maduro de pensamentos plurais, mas com a convicção de que é preciso modernizar o Estado, destravar a burocracia e liberar a competitividade da indústria que puxa este país para frente.

De tudo que aprendemos, o mais importante talvez seja a lição de que a mudança não virá de Brasília pelos Correios, de uma atividade política apartada da sociedade. Terceirizar a transformação social jamais dará certo. Nós somos a mudança. E cada um é protagonista do seu Brasil: os grupos de comunicação têm um papel fundante neste novo ciclo; a iniciativa privada tem muito a ensinar; os governos precisam se abrir para aprender. E, fundamentalmente, os brasileiros devem saber que têm em si a força que vai fazer virar a chave.

A recuperação econômica precisa acontecer. As reformas prioritárias, como a fiscal, a da previdência e a política, precisam estar na agenda. Não podemos procrastinar a mudança pelo medo – postura antiga que não combina com o Brasil moderno, que vive um novo tempo de esperança, amor à pátria e fé no futuro.

É hora de desburocratizar a máquina, mas também é hora de curar o esgotamento de hábitos e posturas. Responsabilidade social é prática, e solidariedade não é discurso. É hora de entendermos todos que política é preparo, e que governo requer governança, gestão qualificada, olhar profissional, braço técnico e competente. O contrário disso, nós já vivemos e sabemos dos efeitos negativos.

O passado ensina. É hora de uma nova agenda de competitividade e inovação. O mundo precisa nos ver como exemplos. Como uma nação unida, de gente competente e com sede de vitória. A política sozinha não mudará o Brasil. Nós, brasileiros, o faremos.






A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA PRECISA ACONTECER. AS REFORMAS PRIORITÁRIAS, COMO A FISCAL, A DA PREVIDÊNCIA E POLÍTICA, PRECISAM ESTAR NA AGENDA.



Greentec, é mais negócio estar aqui.

Condomínio industrial moderno e pronto para atender o que há de mais recente em pesquisa, tecnologia e sustentabilidade.

-  **Centro Integrado:** auditório, salas de reunião, restaurante, espaços para lojas de conveniência e serviços, ambulatório, entre outros.
-  **Portaria e Segurança 24h:** com controle de acessos, câmeras internas e externas, ronda motorizada e apoio armado.
-  **Assessorias:** financeira, em obras civis, ambiental e tributária fiscal (incentivos fiscais para inovação e sustentabilidade com redução de ICMS).

O Greentec está pronto para receber sua empresa! São 132 lotes, estrategicamente localizados em **Farroupilha - RS**, com fácil acesso à ERS-122.



* Consulte os serviços que são pay per use.



ANA DIXON

Jornalista, Mestre em Comunicação e especialista em Ciência Política e Relações Internacionais. Professora da Pós-graduação em Alta Política da Faculdade Monteiro Lobato.

► ARTIGO

REFLEXÕES ACERCA DA VITÓRIA.

O receptor é ativo e necessita tempo para identificar o propósito de uma marca.

Profissionais de Comunicação lidam cotidianamente com o desafio de construir reputação positiva aos seus clientes, sejam eles instituições privadas, públicas ou do 3º Setor; produtos e marcas comerciais ou políticos. Sim, a construção de marca ou de DNA de um político, em muito se assemelha aos demais “produtos” trabalhados por publicitários, jornalistas, relações públicas, profissionais de marketing e especialistas em comunicação digital.

Sem entrar em discussão sobre linhas políticas, concordância ou não sobre posicionamentos proferidos ou seguidos por personalidades da cena pública, pode-se afirmar que, apesar de ter suas particularidades, como qualquer outro segmento trabalhado por profissionais de Comunicação, um político terá melhor desempenho quanto mais claro e sólido for seu propósito ou “DNA de marca”, quanto mais eficaz for sua comunicação com o eleitorado e, conseqüentemente, quanto melhor for a compreensão e a percepção dos representados sobre tal “marca” de político ou de candidato.

Apesar de a fórmula ser aparentemente simples, ela é extremamente complexa, seja pelo viés da Comunicação ou da Política. A essa amálgama há, claro, a necessária maestria de os políticos ou candidatos construir propósitos que estejam em consonância com o que o eleitorado almeja e tempo para conseguir consolidá-los. Não diferente de outros segmentos em que a Comunicação busca ter eficácia para a construção de uma marca. No caso da Política não entender a voz do receptor (nesse caso, eleitor), pode custar caro, como ficar de fora do tão almejado cargo público. Por outro lado, a própria Comunicação tornou-se mais desafiante, veloz, incerta e multiforme.

São muitos os obstáculos a serem vencidos para que haja o bom resultado esperado com a Comunicação na área da Política.

Ao analisar a cena pública brasileira, sobretudo o que o país vivenciou nos últimos tempos, percebe-se que aquilo que deveria ser óbvio, como entender os anseios da sociedade, parece ter se tornado uma tarefa complexa demais a políticos que seguiram atuando contra o que clamava a população brasileira. A sociedade exprimiu inúmeras vezes a diferentes grupos políticos anseios que parecem não ter sido compreendidos e, como resultado, vê-se uma renovação expressiva dos futuros representantes do País no pleito de 2018. Ou seja, aqueles que estavam ocupando cargos de representação, ou antigos personagens políticos, pularam a lição da Comunicação de que o receptor é ativo, nesse caso específico: o eleitor tem, sim, o poder do voto.

Mas, o mesmo pleito mostrou ainda novos desafios na área da Comunicação, como a indiscutível quebra de hegemonia da mídia televisiva em detrimento à “novata” mídia digital, além de comprovar que uma marca ou imagem não se constrói somente no período eleitoral, sobretudo se esse tiver apenas 45 dias de duração. O fenômeno da eleição do novo Presidente da República, Jair Bolsonaro, sem nenhuma intenção de julgamento de valor, concordância ou discordância, deve ser compreendido e apreendido por profissionais de Comunicação e por políticos. Além de se eleger e beneficiar centenas de outros candidatos a distintos cargos públicos pela sua alta performance nas urnas, cunhou um novo capítulo na História das eleições

brasileiras, comprovando a real força das redes sociais, conquistando, além da vitória, legiões de seguidores e multiplicadores da nítida mensagem sobre a qual construiu seu DNA e sua militância política.

Independente de qualquer avaliação ou juízo de valor, pode-se afirmar que o então candidato, agora Presidente da República, atuou com invejável talento no campo da Comunicação. Ainda que tenha sofrido críticas de seus opositores acerca da falta de erudição em seu discurso, do posicionamento delicado perante temas complexos ou a inexistente clareza de respostas a determinados assuntos quando questionado, ele teve a sapiência de construir sua marca como candidato sobre clamores da população, como o combate à violência, à corrupção e ao alto custo da má administração pública. E, para isso, iniciou a pré-campanha muito antes de qualquer outro pré-candidato, tendo a seu favor o tempo necessário para consolidar seu DNA como político.

Já em fase de campanha, o então candidato seguiu utilizando com maestria o poder das redes sociais e, assim, desbancou a até então toda poderosa televisão. Sua força nas redes sociais, que incluem o WhatsApp, venceu os míseros 8 segundos de cada bloco de propaganda eleitoral e as 11 inserções aos quais teve direito no primeiro turno, segundo a Legislação Eleitoral. Sem dúvida, as últimas eleições representam uma lição àqueles que se dedicam ao marketing eleitoral e deve ser constantemente revisada pelas futuras candidaturas e campanhas.



CAFÉ COM ALTA POLÍTICA COMEMORA UM ANO

O Café com Alta Política reúne políticos, empreendedores, acadêmicos, jovens e artistas para pensar o futuro do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Por Leticia Marchetti

Uma vez por mês o Café do MARGS, localizado no centro histórico de Porto Alegre, é palco dos debates promovidos pelo Instituto Alta Política com apoio do curso de pós-graduação em Alta Política da Faculdade Monteiro Lobato. Os encontros são realizados sempre das 8h30 às 10h para um público qualificado que valoriza o conhecimento plural, a troca de ideias e a reflexão.

O Café com Alta Política possui uma comissão organizadora formada pelos alunos da Pós-graduação Lauro Leopoldo Silveira, Ruth D'Amorin, Luciana Peters, Jaime Zell e pelo professor Julio Pujol, do mesmo curso. E conta com a parceria imprescindível do Café do Margs.

O Café teve seu início em dezembro de 2017 e, desde então, já foram realizados 11 encontros com as participações de nomes como o do vice-prefeito de Porto Alegre, Gustavo Paim, da prefeita do município de Dois Irmãos, Tânia Teresinha da Silva, do senador Lasier Martins, do ex-governador do RS, José Ivo Sartori, entre outros especialistas nos assuntos propostos.

O Café com Alta Política tem como objetivo compartilhar conhecimento, promover o debate qualificado, ouvir pessoas de notório saber, abrir espaço para novas lideranças, discutir política com pluralismo, ética e respeito às diferenças, e gerar soluções.

Os jovens e as mulheres, enquanto protagonistas na política e na sociedade, tem um olhar especial dos organizadores do Café.

Acompanhe os temas debatidos desde 2017:

1ª edição

A primeira edição do Café com Política foi realizado em dezembro de 2017 e contou com as presenças do vereador Adeli Sell (PT) e do ex-vice-governador do Rio Grande do Sul, Vicente Bogo e teve como tema a "Ética na Política". A mediação foi da jornalista Laura Gluer. Foi um debate plural e convergente ao mesmo tempo.



2ª edição

Na segunda edição, em janeiro de 2018, a jornalista Laura Gluer entrevistou o advogado, ex-vice-prefeito de Porto Alegre e atual deputado estadual do MDB, Sebastião Melo com a pauta: "Que Brasil Vai às Urnas e Que Brasil Saíra Delas?".



3ª edição

No terceiro encontro, no dia 01 de março, o Deputado Estadual do MDB, Tiago Simon falou sobre "Empreendedorismo e Microempresas" e contou com a participação do empresário e Presidente do Sindicato do Ensino Privado do RS, sr. Bruno Eizerik como debatedor.



4ª edição

Na quarta edição, em abril, o senador Lasier Martins (então PSD) participou do debate que teve como tema "A Lava Jato Está Mudando o Brasil?". Lasier expôs os bastidores da política no Congresso Nacional. O debate teve como âncora o jornalista Felipe Chemale.





5ª edição

No quinto Café com Alta Política a pauta foi a "Participação das Mulheres na Política" e teve a exposição da

Prefeita de Dois Irmãos, Tânia Terezinha da Silva (MDB), com mediação das alunas da Pós-graduação, Hungria Reis e Ruth D'Amorin. O Café aconteceu em junho. Tânia contou sua história de superação como mulher eleita duas vezes prefeita do município.



6ª edição

Na sexta edição a pauta foi "Sistemas Eleitorais" com a participação de Gustavo Paim, vice-prefeito de Porto Alegre, advogado,

professor universitário, doutor em Direito. O evento foi muito esclarecedor sobre o sistema político-eleitoral brasileiro e se constituiu praticamente em uma aula. O evento aconteceu em julho.



7ª edição

O sétimo encontro teve como tema "Copa América 2019 em Porto Alegre" com o Secretário de Desenvolvimento

Econômico de Porto Alegre, Leandro Lemos e o Diretor de Turismo de Porto Alegre, Roberto Snell. No Café foram apresentados todos os grandes investimentos que estão e estarão acontecendo na cidade e que estão transformando Porto Alegre num grande centro de atração turística nacional e internacional. O evento foi em setembro.



8ª edição

O oitavo Café foi realizado em outubro e debateu "A Força do Empreendedorismo Feminino" com mulheres empreendedoras

de diferentes áreas: A diretora da Liliun Recanto Cosméticos e Essencial Farmácia, Maria Lúcia Carrara, a empreendedora social e política Ruth D'Amorin, a diretora da Modarte e da Dina_Amantino Consultoria, Bernardina

Amantino, e a jornalista e diretora da Dixon Comunicação, Ana Paula Fett Dixon.

9ª edição

O nono encontro, novamente teve o protagonismo feminino, "Jovens Mulheres Políticas" contou com as participações da vereadora de Esteio Fernanda Fernandes (PP), da candidata a Deputada Estadual pelo PC do B, Bruna Rodrigues, da presidente da juventude do PSB Porto Alegre, Giselle Hübbe, da bacharel em Relações Internacionais e pós-graduanda em Alta Política, Luciana Peters (PTB) e da turismóloga e também candidata a deputada pelo MDB, Susan Maciel. Foi um debate de altíssimo nível que contemplou pluralidade, respeito e convergência. O Evento foi em novembro.



10ª edição

O governador do Estado, José Ivo Sartori (MDB) encerrou o ciclo de debates de 2018, e marcou o aniversário de 1 ano do Café com Alta Política,

com o tema "Uma Reflexão Sobre os Nossos Quatro Anos de Governo". A Secretária de Estado Maria Helena Sartori também participou da exposição. O evento contou com a participação de diversos jornalistas, do ex-vice-governador Vicente Bogo, de alunos da Pós-graduação em Alta Política, de membros do governo e de militantes partidários. O Café aconteceu em dezembro de 2018.



Café com Alta Política 2019

O Café em Alta Política retornou em 2019, no dia 20 de fevereiro, com o tema "Os Jovens e a Política" e as participações do presidente da Juventude do PTB Porto Alegre, Dante Menendez, do presidente da Juventude do Progressistas-RS (ex-PP), Vítinho Alcântara, do vice-presidente da Juventude do PSB do Rio Grande do Sul, Wagner Chaves, do presidente da Juventude do PSDB-RS, Leonardo Braga e do representante da Juventude do MDB-RS, Alberto Flores.



► ENTREVISTA

GOVERNADOR EDUARDO LEITE:

Por Leticia Marchetti



Eduardo Leite defende que não vai mudar suas convicções políticas por estar “do outro lado do balcão”

Aos 33 anos, Eduardo Leite (PSDB) é o governador mais jovem eleito em 2018 e um dos governadores do estado do Rio Grande do Sul mais jovens da história (Julio de Castilhos assumiu o governo

com 31 anos). Leite, que foi vereador e prefeito de Pelotas, é bacharel em Direito, estudou Gestão Pública na Universidade de Columbia (EUA) e atualmente faz mestrado em Gestão e Políticas Públicas na Fundação Getúlio Vargas,

O FUTURO DO RIO GRANDE

Foto: Gustavo Mansur

Alta Política – Sabemos que um mandato de quatro anos não é suficiente para realizar todas as transformações que o Estado do Rio Grande do Sul necessita. Porém muito se pode fazer! Ao mesmo tempo podem-se lançar as bases de um futuro almejado. Cabe ao líder político também essa tarefa de prospectar o futuro. A partir de nossa identidade cultural, tecnológica, histórica, de nossa matriz produtiva, de nossa matriz acadêmica, de nossa diversidade e complementaridade étnica formativa, o que o senhor gostaria de ver em 2030 ou 2040, e que poderia começar a ser construído desde agora?

Leite - Um Rio Grande do Sul que superou a maldição da dicotomia “nós-eles”, que pensa de forma plural e não faz da diferença de pensamento uma batalha insuperável. Um Estado aberto ao empreendedorismo, à tecnologia, contemporâneo, que potencialize as nossas habilidades inatas e facilite a vida das pessoas, que seja inovador e ofereça serviços de excelência aos seus cidadãos.

Alta Política – Na mesma linha, é possível lançar bases conceituais, linhas de ação que possam traduzir um consenso sobre pontos chave para o futuro e que sejam negociadas com a sociedade civil, funcionários públicos, partidos de situação e oposição, universidades etc.? É possível propor temas e projetos que perpassem um, dois ou três mandatos e que se possa chamar os partidos para um compromisso de futuro?

Leite - Sim, acreditamos que seja possível e estamos preparados para agir nessa linha. A resposta anterior já dá as pistas de como imaginamos o futuro Rio Grande do Sul, um Estado em que a tecnologia seja de ponta e a serviço do cidadão, que explore ao máximo a inovação como instrumento para facilitar a vida das pessoas e sedimente o conceito de excelência que devemos usufruir, uma vez que produzimos muitos talentos inovadores hoje e não os retemos por aqui porque não somos atrativos o suficiente na competição com outros estados e países. Trabalharemos para criar um Estado enxuto e eficiente, que possa entregar

em São Paulo. Em uma entrevista concedida para Revista Alta Política, o governador eleito com 53% dos votos válidos fala sobre o futuro do Rio Grande do Sul, sobre educação e mostra personalidade com um novo jeito de governar.

serviços básicos, como educação, saúde e segurança de excelente qualidade e usar a tecnologia para aproximar o cidadão do governo.

Alta Política – O senhor está assumindo uma tarefa árdua que é governar o Rio Grande pelos próximos quatro anos. Na campanha o senhor enfatizou que era preciso não só governar para o governo (ou seja, para dentro do governo), mas para a sociedade, para as pessoas. Como o senhor traduz isto na prática?

Leite - Precisamos conservar no governo a mesma indignação que tínhamos antes de nos tornarmos governo. A dimensão dos problemas da sociedade não irá diminuir pelo simples fato de passarmos para o outro lado do balcão. É esse vigor que garantirá que podemos superar as dificuldades e não apenas ficarmos presos a uma agenda específica que viabilize quatro anos e emperre a máquina logo em seguida. Temos a responsabilidade de tomar decisões que passem o mandato, que são questões de Estado mais que de governo. Então elas precisam ser corretas para não prejudicar os próximos governantes. Isso é governar para a sociedade.

Alta Política – Educação: Existe uma nova pedagogia nascendo no mundo, a chamada Pedagogia Ontopsicológica, com fortes raízes no Rio Grande do Sul, particularmente na região central do Estado. Essa pedagogia, criada e experimentada pelo acadêmico Antônio Meneghetti informa que “a pedagogia é a arte de formar o homem pessoa na função social”, ou seja, formar o homem como funcionalidade para si mesmo primeiramente, para que não seja um dependente do Estado, e ao mesmo tempo seja funcional ao contexto social em que está inserido. O senhor acredita que precisaríamos repensar nosso modelo educacional, nossa matriz, para construirmos seres humanos mais felizes e um Estado mais progressista?

Leite - O gaúcho tem uma peculiaridade muito positiva, é um povo empreendedor por natureza. Foi a força do indivíduo que construiu a riqueza do Estado e, mais recentemente, de outras unidades federativas. Proporcionar que o

cidadão se torne independente do Estado é uma ação positiva para todos. Ao Estado cabe, além de cuidar de quem mais precisa, estimular o empreendedorismo, que é um fator de geração e distribuição de riquezas eficiente para tornar uma sociedade socialmente mais justa, e não dificultar a vida de quem quer empreender. Para isso, precisamos reduzir a burocracia e os tributos, abrir parcerias com o setor privado e ampliar a infraestrutura para fazer com que a circulação de bens tenha custo menor e viaje mais rapidamente, o que aumenta a nossa competitividade, poder de negociação e atração de novos empreendimentos.

Quanto ao nosso sistema educacional, consideramos que precisa passar por uma revisão profunda. Deixamos de ser referência nacional, nossos índices pioraram muito. Independentemente de ser necessário aperfeiçoar o ensino de outras disciplinas, precisamos garantir que o aluno aprenda português e matemática, pois são essas disciplinas que darão a oportunidade de ele competir no mercado de trabalho, o que não acontece hoje. Temos de valorizar o professor e proporcionar oportunidade de retreinamento a ele e equipar as escolas com instrumentos contemporâneos, que facilitem a compreensão dos alunos dos conteúdos ministrados. Hoje existe uma escola do século 19 em que professores do século 20 tentam ensinar alunos do século 21. Não é uma boa equação.

“ TEMOS DE VALORIZAR O PROFESSOR E PROPORCIONAR OPORTUNIDADE DE RETREINAMENTO A ELE E EQUIPAR AS ESCOLAS COM INSTRUMENTOS CONTEMPORÂNEOS, QUE FACILITEM A COMPREENSÃO DOS ALUNOS DOS CONTEÚDOS MINISTRADOS...” ”

Alta Política – A bandeira do Rio Grande do Sul traz o lema “Liberdade, Igualdade, Humanidade” uma clara referência aos valores plasmados pela Revolução Francesa de “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Inserimos nela o termo “Humanidade” como

a explicitar o nosso compromisso humanista. Além disto, tínhamos uma estrofe em nosso hino que foi suprimida há cinco décadas que fazia uma clara referência às bases greco-latinas de nossa conformação enquanto Estado. Sabemos que a Grécia foi o berço da Democracia e Roma o berço do Direito e da Res Pública. “Entre nós, reviva Atenas, para assombro dos tiranos. Sejam gregos na glória, e na virtude, romanos” Esses profundos valores humanistas e de responsabili-

de do indivíduo diante da Pólis, que nos constituíram enquanto Estado ainda têm sentido nos dias atuais? Podem servir de referência para uma política do presente e do futuro?

Leite - Sim, a base da nossa civilização no século 21 se encontra no mesmo lugar: na democracia grega e no direito romano. São cláusulas pétreas, sobre elas se ergueram milênios de experiências e aperfeiçoamentos.

“ O GAÚCHO TEM UMA PECULIARIDADE MUITO POSITIVA: É UM POVO EMPREENDEDOR POR NATUREZA. FOI A FORÇA DO INDIVÍDUO QUE CONSTRUIU A RIQUEZA DO ESTADO E, MAIS RECENTEMENTE, DE OUTRAS UNIDADES FEDERATIVAS. PROPORCIONAR QUE O CIDADÃO SE TORNE INDEPENDENTE DO ESTADO É UMA AÇÃO POSITIVA PARA TODOS... ”



► PELO INTERIOR

CESMA:



Foto: Raul Pujol

UMA HISTÓRIA DE UNIÃO E CULTURA

Por Raul Pujol

Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA) foi fundada em 1978 e possui mais de 43 mil associados

Fundada em 1978 por um grupo de estudantes, hoje, a Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria Ltda, (CESMA), é um exemplo das coisas positivas do município situado no Coração do Rio Grande.

O local, pode-se dizer, que além do comercializar livros, é um verdadeiro Centro Cultural, pois, realiza ações de fomento a arte e a cultura em

Santa Maria. A Cesma promove e apoia vários projetos culturais: o Cineclubes Lanterninha Aurélio, que nasceu junto com a Cooperativa, além do Santa Maria Vídeo e Cinema, Cesma in Blues, Feira do Livro de Santa Maria, entre outros.

“A Cesma surgiu pela iniciativa de alunos dos cursos de Agronomia, Medicina, junto com alguns professores, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Na época, bibliotecas e livrarias não ofereciam muitas opções, nem encomendavam livros do Centro do país, então daí surgiu a ideia da Cesma”, explica Tércio Brezolin, que é gerente da cooperativa desde 1982.

Mais de 43 mil associados

Atualmente, a cooperativa possui mais de 43 mil associados. E, para se associar, é bem simples e barato. O interessado paga o valor de R\$ 100,00 uma única vez e depois não há mais mensalidade. Os benefícios para os associados são diversos.

“Sempre tentamos repassar aos nossos associados o maior desconto possível nos livros e materiais escolares. Em algumas obras, conseguimos 25% de desconto, às vezes até mais, tudo depende da editora. Além disso, o associado pode parcelar e encomendar livros; há todo um tratamento diferenciado”, explica Brezolin.

Porém, em função do crescimento da internet, o gerente da Cesma vê dificuldades nos dias de hoje para o comércio de livros.

“Estamos vivendo uma fase de adaptação aos novos tempos, é uma era de cópia e cola, de desinteresse dos universitários. Hoje, o movimento é bem menor que antigamente em função da internet, é uma época de dificuldade. O pessoal está lendo bem menos nos dias de hoje”, afirma Brezolin.

A Cesma está situada em um amplo e moderno prédio próprio na Rua Professor Braga (nº 55), no Centro da cidade. A cooperativa é uma referência para estudantes, professores, egressos das faculdades de Santa Maria, e também para pessoas de toda a região central do estado.

Abaixo, confira alguns dos projetos e serviços oferecidos pela cooperativa.



A cooperativa fica localizada na Rua Professor Braga, nº 55, no Centro de Santa Maria

O Cineclube Lanterninha Aurélio

O tradicional cineclube Lanterninha Aurélio exibe suas sessões, às 18h, às segundas-feiras. O projeto funciona desde 1978 e é o segundo mais antigo em funcionamento do Rio Grande do Sul.

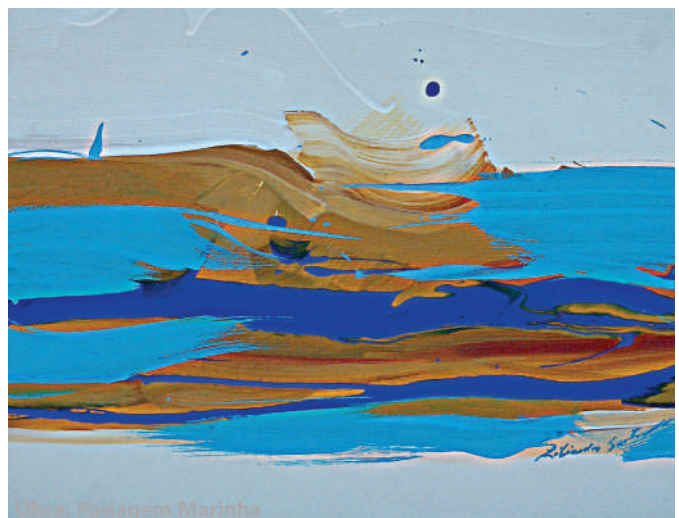
As sessões ocorrem sempre no auditório da Cesma. A entrada é gratuita. São exibidos filmes fora do circuito comercial, muitas vezes seguidos de debates.

Outros serviços oferecidos

- Encomendas livros
- Locação de vídeos (filmes, documentários)
- Realização de feiras de livros
- Fornecimento de livros, material escolar, cirúrgico, odontológico, veterinário, de desenho técnico, materiais artísticos, de informática e pedagógicos
- Promoção de discussões relacionadas a cooperativismo e a todos os desdobramentos correspondentes

- Promoção de atividades culturais voltadas aos associados e à comunidade de modo geral (recitais, lançamentos de livros, exposições de arte)

- Cesma Café



Obra: Paisagem Marinha



VICENTE BOGO

- *Deputado Federal Constituinte*
- *Vice-Governador do Rio Grande do Sul*
- *Professor da Pós-Graduação em Alta Política*
- *Secretário do CODESUL*

► ARTIGO

O HUMANO COMO PREMISSA ÉTICA DE VALOR NA POLÍTICA II

“... só o núcleo central do homem (o Em Si ôntico) irradia o valor do conhecimento verdadeiro para o homem” (1).

No texto anterior², tratamos sobre o ser humano, o valor e a ética. Elementos fundantes e definidores do critério a ser utilizado para se alcançar a verdade e conduzir bem a própria vida, bem como para orientar a ação política. Em continuidade, vamos refletir sobre a relação indivíduo – sociedade e o papel do agente político.

MENEGHETTI³ abre a discussão do tema ressaltando que “A relação indivíduo e sociedade constitui inevitavelmente um problema dialético”. Nascemos e vivemos em sociedade. É ali (aqui e agora) onde nos movemos para viver bem. O indivíduo é prioritário, todavia, é o conjunto dos indivíduos que formam a sociedade. Mas, sem a sociedade não há possibilidades de realização existencial enquanto humanos. “O social é o útero permanente onde o sujeito administra a própria possibilidade, isto é, a própria virtualidade para realizar aquilo do qual é dotado desde o nascimento. Mesmo que nasçamos todos diferentes, é necessário depois demonstrá-lo historicizando no social” (4).

A dialética da relação indivíduo-sociedade caracteriza-se por uma recíproca: o indivíduo faz a sociedade e a sociedade faz o indivíduo. Desde logo percebe-se que há movimento e que indiví-

duos melhores criam sociedades melhores e estas reforçam o valor do primeiro. O sentido inverso também é verdadeiro. O que importa para o indivíduo é viver bem. Isto significa realizar bem a si mesmo, expor no social todo o seu valor intrínseco, o valor de sua natureza, converter o seu potencial em realização existencial em conexão ao ser. Dar concretude à virtualidade humana, o devir ('vir a ser') do homem.

Erroneamente, para muitos, viver bem significa navegar em opiniões e estereótipos, tais como: ter bens, dinheiro, status social, etc. "Infelizmente, a maioria dos seres humanos prefere se ver como sujeito passivo daquela cotidianidade que burocraticamente persegue. Uma das grandes culpas da imaturidade consiste em objetivar a própria situação: se as coisas não funcionam, a culpa é dos outros, é de como as coisas funcionam. A consequência desta atitude é a alienação constante do poder vencedor, isto é, do poder de curar, de poder resolver" (5).

Como se vê, há um problema de consciência. Isto é, do como aprendemos e damos crédito a um modelo fixo de perceber a realidade e conduzir nossas vidas. Modelo aprendido na primeira infância e reforçado no ambiente familiar e social. Trata-se de uma consciência errada, que ao contrário do que pensa o indivíduo, crendo estar fazendo certo, o melhor, erra. "O erro está na consciência, isto é, o homem não reflete exatamente a lógica da natureza, a lógica ôntica da própria identidade de criatura. (...). Uma consciência errada, ao contrário, implica em disfunções que se acumulam e depois devem ser desafogadas para consentir o equilíbrio do princípio, ou seja, autodestroem o que prejudica a primária originária ordem da natureza" (6).

É imperativo corrigir, ter uma consciência exata. De outro modo, o erro de cada indivíduo amplifica o problema social. É o que observa MENEGHETTI: "... a sociedade é o precipitado psicossomático de uma enorme capilaridade psicológica que depois se determina em erro, em contradição a todos aqueles valores prioritários que compreendemos

dentro de cada um de nós. A frustração que sofremos é um produto de nossa alienação elaborada ou construída" (7).

Para se viver bem, enquanto pessoa, é preciso 'estar certo enquanto homem', realizar 'o máximo daquilo que uma pessoa pode ser', conforme nos diz PIEPER (8). Para alcançar isto, indica as virtudes cardeais: a) A Prudência; b) A Justiça; c) A Fortaleza; e) A Temperança. Daí a importância de uma cultura superior para os líderes políticos. Desenvolver a capacidade de transcender aos estereótipos, modelos e ideologias correntes.

Fazer a boa política consiste em mirar o Estado da Arte, ou seja, organizar as partes de modo harmônico, funcional ao bem existir humano. Isto é, pôr ordem, dar volição e favorecer ao conjunto dos cidadãos a máxima realização pessoal. Trata-se de promover o bem comum e o bem viver de cada um. Considerando uma situação de anomalia social, é claro que a solução passa por conter ou corrigir o erro humano. Dois caminhos concorrem para a solução: um, a tomada de consciência e consequente mudança de conduta por parte dos indivíduos e, a outra, a coerção social (as leis e os aparatos do Estado). O segundo sempre representa, de algum modo, uma violência, uma restrição, um condicionamento, sendo o mais grave a privação da liberdade.

Aliás, toda restrição social, em geral, afeta o conjunto dos indivíduos, mesmo aqueles que não tiveram qualquer participação na ação suscitadora. Para frear o ânimo transgressor aparece a figura do Estado. O Estado representa o conjunto dos aparatos e

“

FAZER A BOA POLÍTICA CONSISTE EM MIRAR O ESTADO DA ARTE, OU SEJA, ORGANIZAR AS PARTES DE MODO HARMÔNICO, FUNCIONAL AO BEM EXISTIR HUMANO. ISTO É, POR ORDEM, DAR VOLIÇÃO E FAVORECER AO CONJUNTO DOS CIDADÃOS A MÁXIMA REALIZAÇÃO PESSOAL.

”

estruturas que delimitam e impõem ordenamento ao eu no social, aos grupos sociais. É, também, o modo de se garantir o espaço e condições sociais para que cada um faça seu exercício existencial.

Assim, a atividade política na sociedade consiste em criar e estabelecer ordenamentos que oportunizem a máxima expressão do potencial criativo de cada indivíduo.

O bom e competente político é aquele capaz de evidência e intuição aplicada. Capaz de antever os perigos, as intencionalidades em curso e antecipar-se de modo a evitar o mal ou a redirecionar aquela informação, promovendo evolução e ganho social. E nem sempre é preciso tamanha aptidão técnica, pois as fenomenologias sociais falam por si mesmas.

Para exemplificar, tomemos as políticas sociais paternalistas ou assistencialistas. Na medida em que criam dependência, não movem o indivíduo para o próprio protagonismo, representam um assassinato da natureza humana, uma destruição de um valor fundamental da pessoa: a dignidade. Pior ainda, nas modernas democracias mergulhadas na demagogia e no voto irresponsável, estamos chegando a uma espécie de ditadura de maiorias ou de obstrução de minorias, resultando que os melhores são preteridos e impedidos, ignorando-se que são eles, os líderes, que ao final criam e provêm a todos.

Urge agir em duas direções: a) promover uma nova consciência política e social, o que implica recuperar os valores do humanismo e, b) adotar uma gradativa ação de responsabilização dos indivíduos, compreendendo que eles são os primeiros e principais responsáveis por construir a si mesmos.

Enfim, quem ama a si mesmo, então está em real condição de amar o outro. Do modo como a tradição cristã afirma historicamente: 'Amar ao próximo como a si mesmo'. A condição primeira reporta-se a si. E, deste modo se faz medida, verdade e bem ao próximo. Eis o sentido da solidariedade e do auxílio ao outro. Eis a dialética que faz realização e evolução do indivíduo e da sociedade.

NOTAS:

(¹) VIDOR, Alécio. Fenomenologia e Ontopsicologia – de Husserl a Meneghetti. Ontopsicológica Editora Universitária. Recanto Maestro, 2013. Pag. 11.

(²) Revista Alta Política. 1ª Edição – 2018/1. Instituto de Alta Política. Porto Alegre – RS.

(³) MENEGHETTI, Antonio. Sistema e Personalidade. Ontopsicológica Editrice. Recanto Maestro – RS, 2004. Pag. 17.

(4) Idem, pág. 17.

(5) Ibidem, pág. 19.

(6) MENEGHETTI, Antonio. Direito – Consciência – Sociedade. Ontopsicológica Editrice. Recanto Maestro – RS. 2009. Pag. 48.

(7) MENEGHETTI, Antonio. Sistema e Personalidade. Ontopsicológica Editrice. Recanto Maestro – RS, 2004. Pág. 22.

(8) PIEPER, Josef. Texto, in Estar Certo Enquanto Homem – as Virtudes Cardeais. (Trad.: Luiz Jean Lauand. Título Original: Menschliches Richtigsein).

Está preparado para as eleições de 2020?

Não perca tempo. Comece agora!

pesquisa: + **posicionamento** + **gestão de imagem**
diagnóstico + leitura de cenário *político estratégico* *e gestão de crise*

+ planejamento de comunicação
e construção de narrativa



Foca
Comunicação & Marketing

instituto
methodus
pesquisa e inteligência política



Obra: Vivacidade



ESTELA GIORDANI

Professora Universitária com 33 anos de carreira, atua na UFSM e na Faculdade Antonio Meneghetti. Sócia fundadora do Instituto Identità – Formação e Pesquisa Interdisciplinar. Possui experiência clínica de mais de 11 anos atendendo crianças e orientando pais. Formada em Pedagogia (Passo Fundo/UPF/1988), Especialista Profissional em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Rússia/2013), Mestre em Educação (Porto Alegre/UFRGS/1991), Doutorado Educação – Metodologia de Ensino (Campinas/UNICAMP/1997).

▶ ARTIGO

O POLÍTICO É UM PEDAGOGO

Nos tempos em que vivemos, a imagem do Político, como um operador social de alto valor e impacto, está um pouco desacreditada. Por isso, é importante refletir sobre como se pode reverter essa situação e mais especificamente como o político pode atuar para re-educar milhões de pessoas e modificar essa imagem que está desacreditada e estereotipada.

Do ponto de vista da etimologia do termo, o político possui a função de se ocupar da “res publica” ou daquilo que é de todos - da “coisa pública”. Mas o que é público? O público é aquilo que cada um deve contribuir para o bem de todos. A concepção é que para haver um equilíbrio é preciso que cada membro da polis contribua com um pouco para que aquilo que possui sirva ao outro. Para servir ao outro cada indivíduo precisa resolver bem a sua vida, construir para si uma autonomia a qual, depois esta serve de base para contribuir também para os outros. A res-pública significa que é de todos e, porque é de todos, não me pertence enquanto indivíduo, me pertence enquanto sociedade, portanto, eu contribuo mas não tenho a titularidade de poder usufruir privativamente mas como bem coletivo.

E, como o político pode servir à polis? O político tem uma função educativa pois toda a forma de gestão deveria ser uma “Arte de coordenar os vários interesses e meios a um fim que seja de comum evolução para todos”. Portanto, dentro de uma Polis não existe um único interesse, os interesses são múltiplos, por isso o político, como líder social, deve aprender a fazer uma coordenação eficiente das diversas potências e adequá-las aos meios existentes a fim de que, se estabeleçam relações que tenham como finalidade o bem comum, o bem coletivo. Por isso, deve saber equilibrar as proporções dos interesses e meios aos fins comuns, de ganho para todos.

Ganho em sentido de crescimento, ou seja, deveria levar a um crescimento de todos. "Crescimento significa: evolução qualitativa do sujeito e do contexto" (MENEGETTI, 2004, p. 97). Trata-se de realizar o jogo no qual todos ganhamos. Não é um jogo impossível, é um jogo no qual se necessita de homens que sejam verdadeiros para si e úteis à sociedade. Pessoas que saibam fazer a sua evolução como humanos e por isso também sabem como garantir o humano, qualificando as suas relações com outros humanos.

Pensando assim, todos nós somos políticos, porque somos humanos que devemos saber como coordenar constantemente os diversos interesses e meios para o bem comum, que significa que todos tenham ganhos qualitativos.

Um exemplo disso é a aprovação da Lei nº 13.058, de 2014 que em seu Artigo 1.634 - inciso IX - diz que os Pais devem exigir dos filhos até 18 anos: respeito, obediência e fazer os filhos cumprir serviços domésticos próprios para à sua idade. Porque esta Lei favorece à todos? Porque atualmente os pais substituem seus filhos em todas e quaisquer tarefas domésticas, e os filhos habituam-se a não "precisar" fazer nada, a tornarem-se pessoas que não contribuem com a vida coletiva em família. Ensinando isso na família, as responsabilidades domésticas, também os pais estarão auxiliando os seus filhos a cumprirem as responsabilidades que são para todos.

As responsabilidades aos serviços domésticos auxiliam não apenas ao bem estar de todos em família, assim, não sobrecarregando apenas um ou mais adultos pela limpeza e organização do ambiente privado, mas sobretudo, auxilia no desenvolvimento do indivíduo. Assumindo a responsabilidade de realizar as suas coisas, a criança, desde tenra idade acostuma-se a fazer as coisas por si mesma. Contudo, essa não é a principal aprendizagem, mas a criança percebe

que é capaz de ser útil para si mesma e para todos os membros de sua família. Não se percebe como um peso, mas como alguém, que embora sendo pequena, já pode, em sua medida, auxiliar a todos. E, a criança tem intrínseco a ela a capacidade e a alegria de auxiliar. Gosta de se sentir útil, sente-se orgulhosa e distinta quando faz algo de bom e faz o bem aos demais. Desenvolve dentro de si uma percepção de valor humano, aprende que o outro humano precisa também dela para viver melhor, e por sua vez, que também ela, precisa do outro. Por isso também ela pode contribuir positivamente para qualificar a vida do outro. Portanto, aprende a ser um ente social, aprende a ser sócio do outro nestas pequenas coisas.

Esse pequeno exemplo, pode servir para perceber o quanto a função política é pedagógica. O político, com sua forma de gestão, com as leis que propõe ou ainda faz cumprir ou coordena cumpre com uma função educativa social fundamental. Ele, com um gesto pequeno pode mover o humano na direção de ser mais humano ou ainda, pode fazer com que não sejam destruídos os valores perenes do humano.

Por estar em um espaço em que toda e qualquer ação que faz tem um efeito dominó incalculável, ele deve compreender, que é um educador social e responsabilizar-se cada vez mais em exercer uma pedagogia social que tenha como escopo a evolução de todos. Suas ações de coordenar interesses diversos aos meios para o bem comum, o fazem um pedagogo social. Mas que pedagogia social faz? Faz a arte de evoluir e qualificar os sujeitos como indivíduos e o contexto.

Uma boa pedagogia social depende de bons políticos, aquele homem que tem mais aguda a responsabilidade em construir por meio dos interesses diversos, relações e funções de crescimento comum.





CELSO BERNARDI

Professor, advogado e político.

► ARTIGO

SOMOS TODOS RESPONSÁVEIS

Reconhecidamente as eleições de 2018 foram as mais atípicas e diferentes de todos os tempos. Foram eleições marcadas pela passionalidade e das quais ficaram muitos questionamentos, chororôs, lamúrias e incertezas.

No entanto, não há como deixar de reconhecer a legitimidade da eleição e dos eleitos. A voz das urnas passou um recado à classe política, principalmente aos partidos tradicionais, da necessidade de promoverem uma autocrítica.

Os partidos perderam a capacidade de dialogar com os cidadãos, por consequência a sintonia com a realidade. Os eleitores brasileiros se manifestaram de forma clara que não suportam mais certas práticas e vícios que geram sentimentos de impunidade, que estimula uma onda de ineficiência da gestão associada a um tsunami de corrupção.

Porém passados os embates eleitorais e já com a posse dos eleitos precisamos diminuir o tom duro e agressivo que marcou as campanhas de 2018.

Compreender as diversidades, conhecer e aceitar diferentes formas de pensamento, ideologias e costumes é um grande desafio para os brasileiros.

As palavras do papa Francisco no início do novo ano dirigidas aos governantes e altas autoridades dos povos propõe para nossa reflexão o tema: "A Boa Política a Serviço da Paz". A boa política é inerente ao mandato. A busca pela paz é um compromisso permanente de quem governa, legisla e também de quem faz oposição.

Sendo a democracia o pilar da convivência, precisamos aceitar as diferenças. O respeito ao outro e a tolerância são os princípios que formam uma sociedade justa. Sem eles vamos sofrer continuamente com a própria inflexibilidade.

A Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem (1948), antecipando a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada seis meses depois, dispõe em seu art. XXVIII, que “os direitos do homem estão limitados pelos direitos do próximo, pela segurança de todos e pelas justas exigências do bem-estar geral e do desenvolvimento democrático”. Isto é, uma luz que deve iluminar os caminhos do cidadão na arte de conviver bem, na necessidade de participação política ajudando a construir e defender a democracia e os valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade.

Que estes pilares sustentem o diálogo e o respeito entre as pessoas para distensionar o clima de divisão entre “nós e eles”, ainda tão presentes nos pós-eleição. Permito - me citar as palavras de Tancredo Neves (1910-1985), “na vida política, quem guarda ressentimentos morre envenenado”.

Proponho, respeitosamente, com a posse dos novos gestores e legisladores uma reflexão, que criem uma nova relação entre eleitos e eleitores. De um lado, os eleitos devem resgatar os compromissos assumidos na campanha eleitoral, requisito básico da honestidade política. De outro lado estão os eleitores, que devem fiscalizar permanentemente os atos de gestão e acompanhar a atuação dos parlamentares.

Sendo a participação característica essencial da democracia não é lógico admitir que esta se encerra com o voto no dia da eleição, ficando o eleitor de “férias” por quatro anos.

Outra questão se impõe: E o papel da oposição? É preciso em primeiro lugar, reconhecer que a mesma urna que elege o governo também elege a oposição. É o eleitor que estabelece a posição do partido e dos que em nome dele devem governar ou fazer oposição.

A democracia não depende apenas das virtudes

do governo, mas também e muito da qualidade dos opositores. Tempo de crise é também de oportunidades. Precisamos nos unir em torno de pautas que possam representar os objetivos comuns da sociedade brasileira que é a entrega de melhores retornos ao cidadão que paga impostos.

Na minha percepção os brasileiros estão cada vez mais conscientes de que pagam altíssimos tributos. Mas no Brasil a maior dificuldade na política é devolver com justiça à sociedade os recursos dela arrecadados. Fiscalizar é uma tarefa de todos. Porém quando o bem comum nos une, por mais complicado que seja o problema, a solução simplifica.

Cabe destacar o significado de mandato. Deriva-se do latim *mandatum*-*mandare* composto de *manus dare* (mãos dadas) que exprime o contexto entre as duas vontades. Uma dando a outro a incumbência; a outra recebendo-a e aceitando-a. Tecnicamente de acordo com Plácido e Silva é dar poder.

Na relação política os eleitos recebem o poder para realizarem a vontade dos eleitores. Vamos fazer a nossa parte no governo ou na oposição. Vamos manter as nossas ideias e convicções sem adesismo ao governo, mas também sem irresponsabilidade com o país e com o Estado.

Temos que ter consciência que fazer campanha eleitoral é uma coisa, governar e legislar são outras. Devemos estar juntos na busca dos verdadeiros interesses do povo, nos desafios que não são do governo, mas da comunidade.

Ao finalizar dirijo-me aos eleitos e aos eleitores, estimulando o protagonismo de ambos lembrando o sociólogo colombiano José Bernardo Toro: “toda ordem social é criada por nós. O agir ou não agir de cada um, contribui para a formação e consolidação da ordem em que vivemos”.





JOSÉ FOGAÇA

- Advogado
- Compositor
- Político : Foi prefeito de Porto Alegre e exerceu os cargos de deputado estadual, deputado federal e senador.

► ARTIGO

CONSTITUIÇÃO DE 88: 30 ANOS SEM RUPTURA

No ano passado, em 2018, o Brasil comemorou 30 anos da promulgação da nova Constituição do Brasil, pela Assembleia Nacional Constituinte. Uma Constituinte é algo raro e excepcional na história de um país. É a pedra fundamental de uma mudança, é mais do que virar uma página, é mais do que dobrar uma esquina do tempo. Uma Constituinte, efetivamente, define e demarca o início de uma nova nação. Um novo acordo, um novo pacto é edificado por uma geração inteira de cidadãs e cidadãos. É um elo que unifica a base de compromissos de um povo consigo mesmo e com sua trajetória. Compromissos cívicos, sociais, institucionais e econômicos que dão sustentação e viabilidade a uma sociedade diversificada e democrática. Compromissos que solidificam os laços de uma sociedade apegada aos valores do Estado de Direito, como é – penso eu, e até aqui ainda não há motivos para pensar o contrário – a sociedade brasileira.

O Brasil que emergiu da Constituição de 1988 completou, em outubro do ano passado, um período ininterrupto de 30 anos sem golpes de Estado - sem governos derrubados pela força e sem ameaças às garantias e ao Estado de Direito. Nos mais de 100 anos de história republicana, o Brasil não conheceu tão longo período sem que houvesse recorrentes e dramáticas rupturas institucionais. A linha do tempo de nossa vida pública, desde o fim do Império e o advento do regime republicano, tem sido uma triste colcha de retalhos, costurada por atos sucessivos de

desrespeito às regras do jogo democrático. A linha histórica é muito longa, mas não custa lembrar.

Em 1891, apenas no segundo ano da era republicana, Deodoro da Fonseca fecha o Congresso, ocorre a I Revolta da Armada e Deodoro renuncia. Assume a Presidência Floriano Peixoto, que descumpra a Constituição e se intitula "O Consolidador da República. Entre 1893 e 1894, ocorre a II Revolta da Armada. Entre 1896-1897 eclode a Guerra Civil de Canudos, na Bahia, evidenciando o abandono do interior do país. Em 1910, a justa Revolta da Chibata demonstra que a nossa ainda não era uma República humanista.

Entre 1912 e 1916, em Santa Catarina e no Paraná, rebenta a Guerra do Contestado. Em 1915, o assassinato de Pinheiro Machado sacode as bases da República. Em 1922, a Revolução dos Tenentes faz transparecer o descontentamento dos quartéis com os padrões de escolha do Presidente da República. Em 1924, a Revolução dos Tenentes de São Paulo recebe o apoio do destacamento do Exército de Santo Ângelo-RS, comandado por Luís Carlos Prestes.

Em 1930, a mais emblemática ruptura política da história do país: a revolução que leva Getúlio ao poder. Em 1932, a Revolução Constitucionalista de São Paulo, antigetulista, e que tinha à frente figuras destacadas da elite paulistana. O ano de 1935 é o ano da Intentona Comunista, sob a liderança de Prestes. De 1937 a 1945, o Estado Novo de Getúlio anula a Constituição democrática de 1934. Em 1945, o próprio Getúlio é deposto pelos militares, que assim põem fim ao Estado Novo.

Em 1954, Getúlio, que havia voltado ao poder pelo voto (1950), pressionado a deixar o poder, comete suicídio. O ano de 1956 é marcado pela

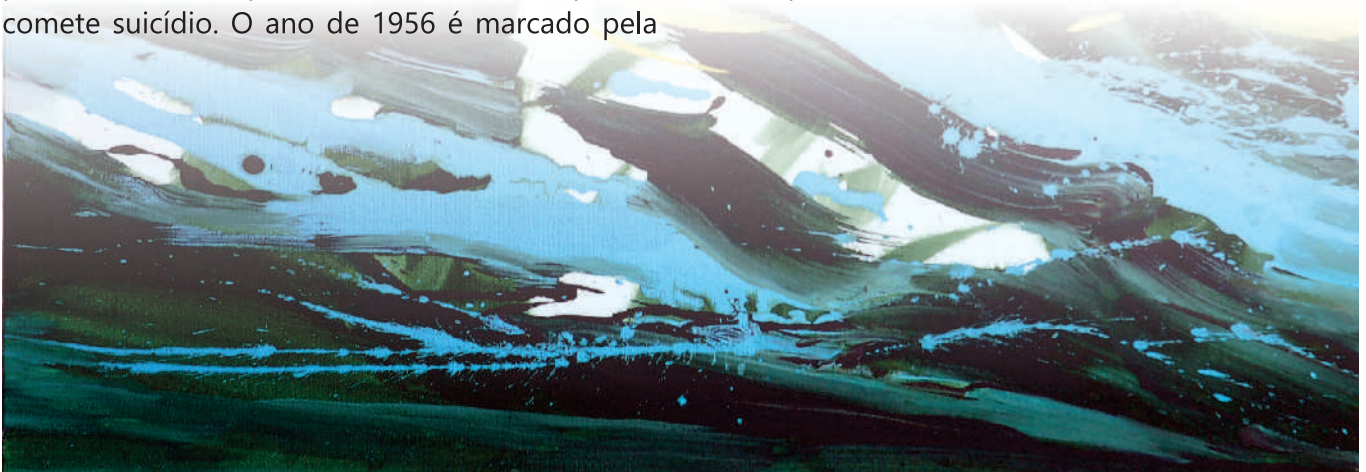
revolta militar de Jacareacanga, que tenta impedir a posse de Juscelino Kubitschek. Em 1959, um grupo de oficiais da Aeronáutica sequestra aviões militares com o objetivo de bombardear o Palácio das Laranjeiras e o Palácio Catete, visando a renúncia do Presidente JK.

Em 1961, após 7 meses de governo, o Presidente Jânio Quadros renuncia. No mesmo ano, é negada posse ao vice João Goulart, que só assume pela via do Parlamentarismo.

Ano de 1964: é derrubado o presidente João Goulart pelas armas. Em 1967, promulga-se uma nova Constituição, que é substituída através de decreto pelo Ato Institucional número 5, de dezembro de 1968.

Em 2019, já tendo tomado posse o novo Presidente da República Jair Bolsonaro, sob forte impulso renovador e mudancista das classes médias e de uma nova direita no Brasil, malgrado o descontentamento político dos setores que não lograram êxito nesse processo, o que se pode constatar é que a Constituição de 1988 tem permanecido incólume, já há mais de 30 anos. Nesse longo período de 3 décadas não houve quebra do Estado de Direito, nenhum grupo organizado nas sombras tramou ou tentou um golpe de Estado.

Sim, a crise brasileira - apesar de um recente pleito eleitoral realizado com a vigência plena das liberdades democráticas - é imensa e os problemas mais graves de nosso país estão longe de ser resolvidos. Economicamente, politicamente, socialmente, eticamente. Mas as instituições políticas sustentadas pelos pilares da Constituição não foram em nenhum momento atingidas ou desrespeitadas, desde 1988.





SIOMAR GARCIA SILVEIRA

- Presidente da UVERGS - União dos Vereadores do Rio Grande do Sul
- Licenciado em Letras, Advogado, Especialista em Direito Público pela ULBRA, pós-graduado em Advocacia Municipal - UFRGS e pós-graduado em Direito Eleitoral.

► ARTIGO

O BRASIL DARÁ CERTO

Tem se discutido se as empresas, que são mantidas, ou parcialmente mantidas pelo Poder Público deveriam continuar com essa tutela, ou se deveriam ser privatizadas e, no caso de algumas até mesmo federalizadas.

Apesar de que as funções precípua de estado não contemplam manter empresas e competir no mercado, como se fosse uma atividade mercantil de livre iniciativa, principalmente em nosso Estado, tivemos a cultura de ver muitas operando sobre os auspícios administrativos do Governo.

Nessa linha, e talvez por questões de gestões temerárias, dissociadas dos lúdicos princípios administrativos, mercê das alternâncias de comando oriundo dos sucessivos governos, nunca primaram por resultados eficazes, mas em contemplar interesses políticos, corporativos e classistas. Tanto que muitas empresas já perderam o seu objeto, porque não mais desempenham função de resultados, servem apenas aos interesses corporativos, pois o Estado banca os sucessivos déficit's, ou deixa de receber inclusive os impostos gerados e que as mesmas recolhem dos contribuintes.

Temos várias situações: umas deixaram de cumprir o seu papel, outras prestam desserviço; e, algumas, na prática, nem são mais patrimônio do Estado, tamanho o rombo, a ponto de seus ativos úteis, cingirem-se apenas à concessão.

Mesmo que algumas tenham prestado e prestam ainda serviços de interesse público, como o fornecimento de energia principalmente, estes poderiam se explorados pela iniciativa privada, com melhor gestão, primando-se pelas regras de mercado e o Estado passaria a ser o regulador, por agências, a fim de garantir a qualidade e a eficácia

dos serviços, porém abstendo-se de ser um Estado interventor na atividade econômica.

É preciso urgência em sairmos da contramão da eficiência, para que o Estado pratique a gestão controlada, efetiva e proativa, com serviços públicos de saúde, educação, segurança e as políticas públicas sob regulação, as quais deveriam ser a sua competência, prerrogativas e atividades precípuas.

Para que o Rio Grande do Sul avance no fomento de seu crescimento, conveniente são as privatizações das empresas ineficientes e a federalização daquelas que já são controladas por agências vinculadas às competências da União.

Acredito que devemos procurar o rumo do Rio Grande que dá certo, valorizando gestores audazes e determinados às correções destes

equivocos, que não deram certo. Um estado, enxuto e livre dos ralos de desperdícios ou ineficiências, produzirá serviços ajustados às necessidades, para atender melhor o seu povo, inclusive, produzindo mais cidadania.

Nesta senda, temos que melhorar, isto é um consenso, pois é dito em Colossenses, 3:12 – “As virtudes devem ser cultivadas”.

Logo, vamos enxugar o Estado, privatizando e federalizando empresas, ajustando e adequando as carreiras de estado, que entravam o desenvolvimento, e cultivar virtudes e melhorias na gestão das contas e na gestão fiscal, promovendo os ajustes que nos levam ao futuro com mais responsabilidade e governança eficaz, nessa linha ascendente dos últimos anos, renovada para os próximos.



***O Portal de notícias
de Santa Maria e
região Central do Estado***

***Acesse www.santamaria24horas.com.br e saiba
o que é notícia no Centro do Rio Grande do Sul***

A política perene



PLATÃO (428 aC – 348 aC) – “A REPÚBLICA”

“De fato, devemos afirmar que o útil é belo e que só o nocivo é vergonhoso”.

“...Qual é, na organização de uma cidade, o maior bem, aquele que o legislador deve visar ao elaborar as suas leis, e qual é também o maior mal?... Mas há maior mal para uma cidade do que aquele que a divide e a torna múltipla em vez de uma? Há maior bem do que aquele que a une e a torna uma?”

“...enquanto o poder político e a filosofia não convergirem num mesmo indivíduo, não terão fim, meu caro Glauco, os males das cidades, nem, conforme julgo, os do gênero humano, e jamais a cidade que descrevemos será edificada.”

“O que destrói e corrompe as coisas é o mal; o que as conserva e desenvolve é o bem.”



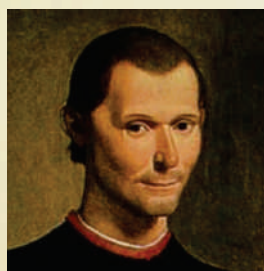
ARISTÓTELES (384 aC – 322 aC) – “A POLÍTICA”

“A primeira sociedade formada por muitas famílias, tendo em vista a utilidade comum, é o pequeno burgo... A sociedade constituída por diversos pequenos burgos forma uma cidade completa, com todos os meios de se abastecer por si, tendo atingido, por assim dizer, o fim que se propôs.”

“Dizemos, pois, dos diferentes seres que eles se acham integrados na natureza quando tenham atingido todo o desenvolvimento que lhes é peculiar.”

“É evidente, pois, que a cidade faz parte das coisas da natureza, e que o homem é, naturalmente, um animal político, destinado a viver em sociedade.”

“As armas que a natureza dá ao homem são a prudência e a virtude.”



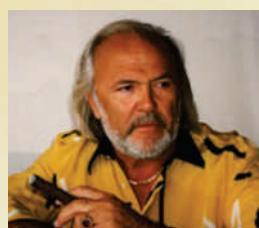
MAQUIAVEL (1469 – 1527) – “O PRÍNCIPE”

“...o que todo príncipe prudente deve fazer: não só remediar o presente, mas prever os casos futuros e preveni-los com toda a perícia...”

“...E há de se entender o seguinte: que um príncipe, e principalmente um príncipe novo, não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons...”

“...Procure, pois, um príncipe, vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados...”.

“Concluo, pois, afirmando que a um príncipe pouco devem importar as conspirações se é amado pelo povo.”



MENEGHETTI (1936-2013) – “Economia e Política Hoje”

“Esta é propriamente a política: a arte de centralizar as diferentes situações e de resolvê-las em progresso, para a eficiência do todo. Portanto, na essência da política existe a arte de saber fazer.”

“O verdadeiro líder é aquele que, através da sua inteligência, da sua capacidade de performance superior, sabe ser serviço, êxito para muitos.”

“O povo dá o mandato para resolver problemas precisos. Então, a partir do momento que se tem aquele mandato político para resolver aqueles problemas, deve-se agir e não perder tempo falando. As conversas pensarão os jornais e a televisão, mas o político deve ir sobre a ação.”



ELEIÇÕES 2020

PREPARE-SE DESDE JÁ E CHEGUE NA FRENTE

O Instituto Alta Política oferece:

- Planejamento Estratégico de Campanha Eleitoral
- Consultoria Política
- Treinamento de Equipes
- Organização de Seminários de Formação Partidária
- Gerenciamento de Imagem
- Assessoria a Pré-candidaturas
- Assessoria na Construção de Plataforma Eleitoral
- Comunicação (media training)
- Mídias Sociais
- Dicção, Oratória e Desenvoltura Pessoal



PÓS-GRADUAÇÃO EM ALTA POLÍTICA

(Formação em Liderança, Marketing e Estratégia Política)



**Faculdade Monteiro Lobato
e Instituto Alta Política**

Matrículas Abertas

- Curso Presencial em Porto Alegre
- Encontros Quinzenais
- Aulas iniciam em 29/03/2019



Informações e Matrículas:
www.monteirolobato.edu.br/pos-graduação
Fone: 51.3287.8042
contato@altapolitica.com.br



O MAPA

OLHO O MAPA DA CIDADE
COMO QUEM EXAMINASSE
A ANATOMIA DE UM CORPO...

(É NEM QUE FOSSE O MEU CORPO!)

SINTO UMA DOR INFINITA
DAS RUAS DE PORTO ALEGRE
ONDE JAMAIS PASSAREI...

HÁ TANTA ESQUINA ESQUISITA,
TANTA NUANÇA DE PAREDES,
HÁ TANTA MOÇA BONITA
NAS RUAS QUE NÃO ANDEI
(E HÁ UMA RUA ENCANTADA
QUE NEM EM SONHOS SONHEI...)

QUANDO EU FOR, UM DIA DESSES,
POEIRA OU FOLHA LEVADA
NO VENTO DA MADRUGADA,
SEREI UM POUCO DO NADA
INVISÍVEL, DELICIOSO

QUE FAZ COM QUE O TEU AR
PAREÇA MAIS UM OLHAR,
SUAVE MISTÉRIO AMOROSO,
CIDADE DE MEU ANDAR
(DESTE JÁ TÃO LONGO ANDAR!)

E TALVEZ DE MEU REPOUSO...

MÁRIO QUINTANA

